ANNO 1.º — Sexta-feira, 27 de novembro de 1908 — Numero 41

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	30 réis
Repetições	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Real bambochata

«A camara, empenhadissima, não tem dinheiro para pagar aos fornecedores e como póde gastar mais de 400:000 réis em festas ao rei?»

***

«Nós estamos a pagar o milho a 940 réis. As populações atravessam uma crise grave. Na cidade ha muitos tuberculosos, doentes e pobres sem terem que comer e sem assistencia. As dividas camararias sobem a muitos contos de réis. Com que direito se vae gastar em festas o dinheiro d'um municipio n'estas condicções?»

Estas palavras proferidas na sessão da camara d'Aveiro do dia 11 do corrente pelo vereador Antonio Augusto da Silva, têm hoje aqui solemne cabimento para que o povo do concelho veja como é administrado o seu dinheiro.

Ao passo que a situação do paiz se torna cada vez mais difficil; no momento em que por toda a parte se ouvem clamores de miseria e que a nação atravessa uma verdadeira crise economica, chega a ser mais que desaforo a especulação politica em que o governo anda empenhado.

Contra a oligarchia dominante nós protestamos hoje, mais uma vez, conscios dos nossos direitos e do nosso dever, pois que pertencemos á grande legião dos expoliados por esse regimen pôdre e traiçoeiro, que é preciso aniquilar para sempre como um perigo nacional.

A vinda do Rei

Nenhuma animadversão sentimos por essa pallida figura de rei que hoje visitará Aveiro.

Possivelmente, mesmo, a curiosidade nos levará á sua chegada, não para admirarmos o sequito palaciano que o acompanha, ou fazermos genufluxões perante esse symbolo da autocracia, mas para contestarmos, sem receio d'erro, a *espontaneidade* das manifestações que se preparam.

Espontaneidade que tem feito gastar muito papel d'officio e alguns centos de cartões de visita.

Combatendo por principios, luctando pelas ideas, para nós nada valem os homens como symbolos, de que essa lymphatica vergontea da casa de Bragança é exemplo vulgar.

Fosse elle embora *honesto* como D. Duarte, bom como D. Pedro V ou apenas um *homem* como D. João II, nunca poderiamos separar as duas formas da sua dualidade.

Rei por acaso de nascimento, pelo acaso tambem d'um certeiro tiro de clavina, e, como nós todos, apenas homem pela natural selecção da especie.

Por coisa alguma elle se imporá á nossa admiração e tanto os seus aulicos o sabem que, nada mais tendo com que o distingam, procuram explorar o *sentimentalismo* popular, apresentando-o como uma das victimas da tragedia de Fevereiro, que, para o fazer subir ao throno, o tornou orphão do pae e successor do irmão.

Nós não sabemos para que futuro esse rei adolescente estará destinado, mas, fosse elle bom como um santo, forte como Cesar, grande como Alexande, só poderá deter a crise economica e financeira, crise de miseria, crise de fome, que se avisinha, um regimen democratico, cerceando as despesas, cortando as prebendas dos magnates da monarchia e fomentando a educação civica do Povo.

Porque, desenganemo-nos, o mal não vem só dos homens; é antes resultado da engrenagem delapidadora do regimen.

* * *

Em Aveiro, como no Porto, como em Braga, por toda a parte onde a regia personagem tem andado, o elemento popular tem brilhado pela indifferença.

O comicio do Porto onde muitos milhares de trabalhadores se congregaram, no proprio dia do anniversario manuelino, é a prova frisante de que já nem mesmo as bandeirolas e as luminarias podem fazer esquecer o Povo que soffre, da sua aspiração democratica, da sua miseria social, emquanto os palacianos, os *grandes*, que lhe parasitam o trabalho, folgam e riem, como se vivessemos em plena prosperidade, no melhor dos mundos possiveis.

Á volta d'esse fransino rei, moço e inexperiente, teem procurado crear uma athmosphera de optimismo, mal se lembrando que estão a preparar-lhe a propria ruina e com a d'elle, infelismente, a d'este povo portuguez, tão soffredor e tão paciente, que bem digno era de melhores destinos.

E, todavia, a miseria alastra por toda a parte, as populações tanto urbanas como as ruraes soffrem as duas crises mais temerosas, a do trabalho e a da fome, e os governos da monarchia apenas cuidam com o ruido das *marchas* das phylarmonicas abafar os gritos de dôr dos que agonisam na miseria e com bandeirolas azues e brancas esconder os andrajos dos que mal teem um farrapo com que encobrir a nudez nas noites frias do inverno.

Assim, em Aveiro como em toda a parte, vae cercal-o uma athmosphera de mentira. As notas marciaes dos hymnos, os galhardetes dos mastros, como os vivas dos *empreiteiros* das festas realengas, não traduzem o regosijo d'um Povo, mas unicamente o falso enthusiasmo dos que da monarchia vivem, colhendo-lhe os restos da malbaratada herança, que os nossos guerreiros conquistaram a golpes de espada e os nossos epicos navegadores dilataram em luctas gloriosas.

O Povo, o verdadeiro Povo, que trabalha de sol a sol para ganhar o pão de cada dia, não dará *vivas* como não deu *dez reis* para as festas, muito embora as unicas escolas de educação civica, que o regimen lhe tem proporcionado, sejam as da ignorancia, do fanatismo e da miseria.

Não podem os labios sorrir quando os filhos gritam com fome, não pode haver enthusiasmo quando os estomagos como os celeiros estão vasios, não se podem dar *vivas* á monarchia quando, trazida pela mão d'ella, a penuria nos bate á porta.

No Povo, quando não haja absoluta indifferença, apenas poderá haver um sentimento da natural curiosidade e do confronto entre a sua miseria e o fausto da comitiva real, apenas a monarchia poderá colher amargos fructos, porque não é impunemente que se affronta com ostentações de luxo e de opulencia o viver tragico dos desgraçados.

E' assim que a viagem do rei, por esse paiz fóra, tem sido o melhor elemento de propaganda democratica e republicana para o Povo, ignorante e simples, mas que bem sabe quanto lhe custa a ganhar o pão nosso de cada dia.

Que é um rei? E' um ente humano; um homem armado e revestido da força dos outros homens, que lhe são eguaes, e muitas vezes superiores.

Que é o povo? Este colosso é tudo. Um rei sem povo, é ente nullo; e este sem soberano, nem perde a sua força, nem deixa de representar em massa.

La Viconterie.

Carneiros e pachecos

Foi convidado para assistir ao jantar real um tal snr. Carneiro Pacheco que commanda a gente monarchica academica de Coimbra e que, segundo dizem para vergonha nossa, cursou este lyceu.

Que lhe preste o jantar; mas diremos: Pachecos e Carneiros são de todos os tempos.

COISAS E TAL

Fé de mais

Escreve o *Campeão*:

Uma piedosa senhora d'esta cidade, achando-se doente, recorreu ao soccorro de Nossa Senhora da Apresentação, da sua devoção particular, e como a Virgem lhe valeu, offereceu á veneranda imagem uns brincos d'ouro antiquissimos, estimavel joia de familia.

Por este caminhar os medicos estão aqui estão dados em droga.

Não lhes basta já a concorrencia dos curandeiros, que não é pequena, quanto mais ainda a das *santas curandeiras*, como se vê na noticia do *Campeão*...

A ignorancia e o fanatismo d'alguma gente é o que se está vendo.

Policias carteiros

Os convites para o *Te-Deum* feitos pelo provedor da irmandade de Santa Joanna, foram distribuidos por guardas civis aos domicilios dos mordomos e de mais pessoas nas condicções de assistirem ao acto.

A isto chegámos no principio do reinado manuelino, sendo governador civil d'Aveiro o snr. Conde d'Agueda.

E ainda esperamos vêr mais: a policia, d'opa, a pedir para as bemditas almas...

Subindo

Depois do *Progresso*, o *Campeão* faz tambem os seus calculos.

No seu numero de quartafeira, computa este jornal em perto de 50:000 as pessoas que hoje se devem encontrar em Aveiro a gosar as festas.

Isto, é claro, fóra os padres nacionalistas defensores da monarchia...

Em verso

Como amostra, reproduzimos logo uma das quadras que devem ser cantadas pelas creanças das escolas:

Viva o nosso reisinho
Viva a familia real
Viva a santa religião
Viva, viva Portugal!

A *santa religião* é como quem diz: os exploradores e os tartufos.

Pois não é assim?

Uma honra

O encarregado de ornamentar as trazeiras da capella de S. João é o snr. Eduardo Rainha, a quem será depois conferido o habito de Christo.

Para ficar completo, é o que lhe falta...

Talvez que sim e talvez que não

Em alguns dos mastros de bandeiras foram collocados escudos com as iniciaes S. J. que já ouvimos traduzir da seguinte maneira: *Salvé Jesuitas!*

Tudo póde ser; no entanto a nossa ingenuidade leva-nos a crêr que o que aquillo significa é uma invocação a *S. Jeronymo*, para que nos livre da trovoada eminente que os proprios monarchicos já começaram o observar no horisonte politico...

Comicio de Coimbra

Foi devéras imponente a manifestação republicana feita em Coimbra á chegada dos oradores republicanos, nas estações do caminho de ferro, no sabbado ultimo.

Milhares de pessoas aclamaram enthusiasticamente os nossos prestigiosos correligionarios, drs. Bernardino Machado e Antonio José d'Almeida, acompanhando-os ao centro José Falcão e depois ao hotel.

Conta-nos pessoa que assistiu, que a immensa multidão parecia accordar d'um grande pezadello, associando-se nervosa n'um despertar salvador, desafogando em ovações delirantes aos homens da Republica toda a má e dolorosa impressão da visita regia.

O comicio foi, como nenhum outro alli realisado, uma significativa e eloquente prova dos sentimentos que vivem na alma do nosso povo, das suas aspirações de rehabilitação, dos seus anceios de liberdade.

Uma revolução na vida nacional que acabe de vez com todas as explorações, com todas as infamias, com todos os abusos, com todas as oppressões do regimen que nos arrasta para a bancarrota, a Republica, foi o que toda aquella enorme massa de povo pediu em brados sinceros, sahidos da sua alma, nascidos do seu coração.

E' inutil a ostentação de galas com que os monarchicos pretendem adormecer de novo um povo que se levanta.

A ideia republicana ha de vencer. E' a salvação, a liberdade, a luz!

*

O snr. Albano Coutinho, secretario do comicio, representou *O Democrata* e a Commissão Municipal Republicana de Aveiro.

*

Ao comicio assistiu um velho e bondoso padre liberal, de Coimbra, que ha pouco se filiou no partido republicano e que foi muito victoriado, fazendo-lhe o snr. dr. Antonio José d'Almeida, carinhosas referencias.

DIANTE DO REI

Pela primeira vez, Real Senhor, pisaes a dentro dos muros d'esta tão linda quanto, para nós, estremecida Patria Aveirense.

Dever, pois, nosso é dispensar-Vos alguma attenção, não já por serdes Rei, que essa qualidade não Vos eleva a nossos olhos, mas sim porque sois nosso Hospede.

E sabei, Senhor, se não Vol-o disseram ainda, que entrastes em uma terra que primou sempre em ser ordeira, urbana e delicada.

Não conteis, porém, visto representardes um principio absurdo, com as acclamações d'esta democratica cidade, mas atravessae tranquillamente por essas ruas porquanto estaes, Vos garanto, junto de um Povo bom e pacifico.

E eu, Real Senhor, que, d'entre os humildes, sou o mais humilde soldado de um grande Partido, cuja aspiração suprema é redimir a Patria pela Republica, eu mesmo, sem um momento sequer trahir o Ideal, que me seduz e alenta, dir-Vos-hei d'aqui de esta tribuna e bem publicamente:

Saúdo-Vos!

Mas notae e reparae bem:—Mais do que o Rei eu cumprimento o Homem—o meu egual...

Talvez um sorriso de desprezo deslise em Vossos regios labios ao ouvirdes estas palavras minhas.

Mas, Real Senhor, embora, socialmente, nos separe um abysmo; embora empunheis o sceptro e eu a penna, com a qual ganho quotidianamente o pão; embora Vos cubra um manto de arminhos e a mim as pobres roupagens de um plebeu, sois, quer o acrediteis ou não, egual a mim.

Creou-Vos, é certo, o Destino para Rei e a mim para filho da Plebe; a Vós para gosar e reinar, a mim para trabalhar e luctar; a Vós para passardes ovante entre as acclamações da multidão, a mim para humildoso formigar entre a grande massa èscura e sem nome!

Mas, sem embargo de tudo isso sois egual a mim, meu similhante.

Tereis venturas que eu jámais fruirei. Mas taes gósos passarão tão rapidos como tão rapidamente ardem os fios de estopa ateados pelas labaredas de um incendio!...

Disse-Vos, Senhor, que sois egual a mim e eu o contrario queria exactamente affirmar!... Sou superior a Vós, porque não obstante ir vegetando cá em baixo, onde rasteja a *canalha*, eu tenho direitos e regalias que nunca Vos será dado fruir!

A Vós, Majestade, cerca-Vos, continuamente, uma camarilha que Vos escravisa quasi; eu, cá fóra, senhor meu absolutamente meu, respiro a largos sorvos o ar da Liberdade!...

O homem da Plebe pode amar, dedicar-se de alma e coração a qualquer mulher... e fazer d'ella a sua Esposa!

E Vós?... Vós não podereis eleger para Esposa senão Aquella que Vos fôr imposta! Tereis de recalcar a voz do sentimento! Só de pensal-o isto é horrivel! Não podeis ter alma, não Vos é consentido ter coração!

Ah, Senhor, eu não Vos invejo a sorte.

Lamento-Vos... mormente n'esta quadra em que o vento da Democracia, soprando de toda a parte, ameaça destruir a corôa que, por um acaso, herdastes!...

Senhor!

Rodeiam-Vos, agora, pompas, galas e ovações!..

Creança sois ainda e, porque desconheceis os homens, os seus caracteres hypocritas, imaginareis, quem sabe? que elles Vos saudam e acclamam sinceramente, por simples amôr ás instituições que representaes!

Engano de alma ledo e cego, como diria o Poeta, será esse, Real Senhor!

Engano, puro engano!

Lêde a Historia, a mestra incorruptivel!

Lêde, meditae, e comprehendereis então que toda essa turba, egual a outras do Passado, e que n'est'hora está victoriando a Vossa Pessoa, será a mesma que, amanhã, ha de vir ás estradas acclamar a Republica e a Revolução triumphante!

Ai, quantos, quantos dos que indo reverentemente beijar-Vos as mãos, agora, serão os primeiros a repudiar-Vos, quando, ó Majestade, o Vosso sceptro cair para sempre!...

Se elles, já hoje, quando juntos de um democrata se dizem apenas monarchicos por conveniencia, que não por convicções, o que dirão da monarchia, n'um futuro mais ou menos proximo, quando as instituições houverem passado á Historia?!

Senhor!

A Democracia Aveirense não Vos festeja, hoje, mas tambem não Vos escarnecerá no dia em que a desgraça ferir o Rei, exilando-o!

A.

IRREGULARIDADES EM CACIA

Na visinha freguezia de Cacia, o parocho e seus sequases estão indispondo os elementos liberaes da terra.

A' viva força o reaccionario prior quer que a parochia construa uma casa para sua residencia.

A Junta já deliberou fazer a obra por que o tonsurado suspira e até já foi ouvido o parecer dos vinte maiores contribuintes, que votaram a favor.

Vae, pois, a Junta de Parochia contrair um emprestimo para *construcção* de uma residencia parochial.

Mas, sendo os emprestimos das Juntas de Parochia *só* auctorisados para *exclusiva* applicação a obras de construcção e reparação da *egreja* e *cemiterio* parochiaes e, n'estes casos, sómente quando os respectivos encargos sejam custeaveis pelas receitas ordinarias das Junta, depois de satisfeitas todas as despezas obrigatorias, art. 179.º n.º 2 do Cod. Adm., é de esperar que a estação tutellar negue sua approvação ás deliberações da Junta, por contrarias á lei.

Egualmente nos consta que a Junta pensa em lançar uma derrama para auxiliar as despezas com a edificação da residencia parochial.

Outra illegalidade é esta.

Pelo n.º 17 do artigo 176.º do cit. Codigo, pertence de facto á Junta o lançamento de derramas.

Estas, porém, só pódem ser lançadas nos casos do art. 189.º, isto é, quando haja falta ou insufficiencia de outras receitas para custear as despezas do culto, as de construcção e de reparação da *egreja* parochial ou de suas dependencias e do cemiterio, as de *reparação* da residencia do parocho ou os encargos de emprestimos auctorisados.

Entretanto o padre de Cacia quer levar a sua ávante.

Veremos o que farão as estações tutellares diante d'estas illegalidades, que se pretende commetterem, para depois fallarmos no assumpto mais desenvolvidamente.

Até lá nada se perde com a demora.

Ao snr. Sub-Inspector de Instrucção Primaria

Dizem-nos que na Escola primaria da Vera-Cruz, uma professora, que se não entende, quando falla, castiga tão desalmadamente as suas alumnas, com murros na cabeça, costas e outras brutalidades, que as familias d'estas se vêm obrigadas a recorrerem a professores particulares onde não perigue o corpo das pobres raparigas.

Porque entendemos que o espirito da epocha já não é para semelhantes barbaridades, d'aqui chamamos a attenção do snr. Domingos Cerqueira para o assumpto, esperando que faça entrar na ordem, quanto antes, a professora a quem nos referimos.

O que é a manifestação de hoje

A' hora a que este jornal sair, já o nosso rei de *radiosa* mocidade andará por essas ruas, pallido, saturado de manifestações, agradecendo vivas, n'uma resignação heroica de quem tem de arrostar, a fio, com todas as massadas a que o obrigam os empreiteiros das festas realengas coadjuvados pelo elemento official.

Subindo ao throno levado pela triste fatalidade que deve, durante toda a sua vida, velar-lhe o rosto d'uma enorme tristeza, o moço rei que hoje nos visita inspira-nos a sympathia e compaixão de todos os infelizes innocentes, em pleno vigor dos 18 annos, que se vêem imprevistamente arrostados a um espinhoso mister com cuja gravidade se não compadecem os poucos annos da sua vida.

Atordoado e fascinado até pela revoada festiva que o acompanha e persegue, o moço rei na sua ingenuidade de reinante incipiente, deve ter momentos de consolação, mas que não sobrepujam nem o galardoam das horas extenuantes e aborrecidas que elle tem de passar n'esta estirada peregrinação da passeiata real.

Este é pouco mais ou menos a impressão subjectiva que elle recolhe e guardará na sua alma de moço imberbe, porque o reverso da medalha doloroso e triste, vedam-lh'o á sua inexperiencia aquelles que o cercam e lhe inculcam estas exhibições para, em meio d'esta *radiosa* mentira, elle adormecer na doce illusão de que a instituição que elle representa está alicerçada na sympathia e amôr do povo. O contrario d'isto não alcançam ainda os seus poucos annos e nem os seus mentores o esclarecem, porque, de contrario, elle não saíria do seu palacio, entregue ás suas occupações sérias de rei e ás suas descuidadas occupações de rapaz de 18 annos.

Não estaria hoje n'esta linda terra d'Aveiro, se soubesse que a sua visita se faz a troco de muitos sacrificios e que o presidente da camara, ao dar-lhe as boas vindas, não tem a coragem de dizer-lhe que a camara da sua presidencia concorreu com 400$000 para esta bambochata e dispõe d'um pataco para pagar a quem deve.

Néo saíria do seu palacio, 6 mezes decorridos depois da desgraça que o fez rei, se, conhecendo as cousas e os homens, se convencesse de que a maioria dos que o cercam e os mordomos d'estes brodios ou fariscam algum beneficio ou batem palmas e agitam lenços com a devoção dos antigos carpideiros ou dos actuaes gatos pingados fretados a tanto por cabeça.

Não sairieis, real senhor, do vosso palacio, porque é diminutissimo o numero dos sinceros que vos applaudem; todos os mais, a escoria dos vendidos, transfugas de todos os partidos, firmas arrebanhadas, pescadores d'aguas turvas que, ámanhã, no perigo das instituições que representaes, vos abandonariam e não arriscavam por vós a minima parcella de interesse.

Esta é a verdade e a prova real das festas em vossa homenagem feitas, e em especial d'estas que em vossa honra n'esta linda cidade do Vouga.—Um explendor ficticio, de corteza que fez epocha e arruinou banqueiros e que, decadente pelos annos e falta de recursos, allivia a sua miseria, recorrendo periodicamente ao prégo, tendo empenhados os ultimos anneis que lhe déram.—Eis o que n'esta prova pungente da nossa miseria nos recordam estas festas de fidalgo fallido.

Associação Commercial d'Aveiro

Os promotores das festas realengas teem espalhado que os republicanos votaram na Associação Commercial 140$000 réis para um bôdo aos pobres em homenagem á visita do rei. A verdade é que tendo-se muitos socios opposto a que se gastassem 150$000 réis n'um almoço á magestade e tendo a maioria approvado essa verba, que assim applicada representa um verdadeiro e inutil desperdicio em uma Associação cujos fundos eram 390$000, sómente, o que manifesta o intuito de muitos socios em desorganisarem a Associação, o snr. Antonio Maria Ferreira, para que n'essa furia dissipadora alguma coisa se eproveitasse, e temendo que os restantes 140$000 réis viessem a ser applicados em algum novo almoço, propoz que se gastassem esses 140$000 réis em um bôdo aos pobres.

Não houve n'isto, como é evidente, o menor intuito politico, pois os republicanos de Aveiro não fazem politica na Associação Commercial; apenas tratam de zelar os seus interesses e os da cidade e procuram impedir os desperdicios inuteis e as especulações de toda a ordem.

Ultra comico

Perdeu-se a noção do ridiculo e nem a consciencia nos dá já rebate da triste figura que fazemos, symptoma evidente da maior depressão moral.

Foram-se as gargalhadas, as troças, e os assobios, desappareceu a alegria antiga capitoso vinho para desopilação do nosso espirito.

Pois o snr. Bispo Conde, que hoje nos dá a honra da sua visita, não nos deu licença para comermos n'este dia um bife sem perigo de maior, tudo para mais brilho e gloria das festas realengas?

Apezar d'esta grande generosidade de sua rev.ma a maioria cumprirá o preceito d'abstinencia pela simples rasão de não ter dinheiro para comprar a carne.—

E' um numero do programma das festas ultra-comico que seria barato se a carne não custasse a 240 réis o kilo.

Mas perguntamos: como é que a Carta manda respeitar a religião do estado e a lei permitte que os talhos vendam carne á sexta-feira e sabbado? Emfim como bons catholicos agradecemos a bisarria do snr. Bispo, mas por escrupulo não acatamos essa quebra do preceito por ser auctorisada assim em ar de dictadura.

Tropa

Por motivo da visita regia estão em Aveiro, reforçando a guarnição militar, uma bateria de artilharia, um batalhão de infanteria 23 com a respectiva banda de musica e uma força de cavallaria 8.

A nossa terra está, pois, transformada n'uma praça d'armas.

que a chegada do snr. D. Manoel a Aveiro, terá lugar ás 9 ½ horas da manhã de hoje;

que certas marquezas, condessas e viscondessas vindas da capital, ha mais de quinze dias, e que estão hospedadas no convento de Jesus, ensinaram a um grupo de creanças uma versalhada qualquer que termina: *Viva a santa religião!*

que esses versos devem ser cantados pelas ditas creanças quando o snr. D. Manoel visitar o referido convento;

que certo *astrolongo* prognosticou já a morte do partido republicano em Portugal;

que, durante o *Te-Deum*, a entrada no templo de Jesus se fará por meio de bilhetes especiaes, com o fim de, segundo affirma um catholico *dissidente*, d'elle se afastarem as classes populares por serem muito *porcas*. (sic)

que uma commissão de ornamentação de certa rua da cidade tem preparados uns versinhos saudando a real majestade de uma forma pathetica... e ó quizumba;

que por virtude de o povo de Aveiro ser todo dedicado, inteiramente dedicado, ás instituições vigentes, foram mandados vir para cá nada menos de 150 policias de Lisboa, o regimento 23 de infantaria de Coimbra e uma bateria de artilharia;

que assim como ha possibilidade de se abonarem faltas a alumnos do lyceu, quando vão saudar á majestade, tambem ha possibilidade de, no fim do anno, se approvar quem tal não mereça;

que o caso da *grève* dos estudantes do lyceu, no dia 23, ha de dar que falar e nós havemos de tratar d'elle muito minuciosamente.

Grande comicio republicano em Agueda

A' ultima hora recebemos a noticia da realização d'um comicio republicano em Agueda, no dia 13 de dezembro proximo.

Os oradores serão os srs. drs. Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, Alfredo de Magalhães, Brito Camacho, Alexandre Braga e outros.

Deverá ser uma reunião democratica imponentissima, pois em todo o districto ha muito interesse em ouvir os illustres oradores da Republica.

Podemos assegurar que o partido republicano vae desenvolver no districto de Aveiro uma grande actividade.

Conferencia

Realisou-se no sabbado á noite, como prenoticiámos, a annunciada conferencia do nosso collega Alberto Souto, sobre a vida do operariado, enchendo-se por completo o vastissimo salão do ensaio da Banda dos Bombeiros Voluntarios, visto a sala da *Associação dos Constructores Civis*, que foi quem a promoveu, não ter o espaço bastante para comportar toda a gente interessada em ouvir a palavra brilhante do nosso amigo.

Presidiu á sessão o sr. Manoel Augusto da Silva, secretariado por Alfredo Maia e Jayme Marcos de Carvalho.

O sr. presidente, depois de ter feito a apresentação de Alberto Souto, a quem haviam solicitado por o acharem competente para inaugurar a serie de conferencias educativas que a *Associação dos Constructores Civis* pretende levar a effeito, concedelhe em seguida a palavra sendo n'essa occasião o nosso amigo alvo d'uma estrepitosa salva de palmas com que a assembleia o recebeu.

Alberto Souto, serenada a manifestação, principia agradecendo as palavras elogiosas do sr. presidente. Os seus agradecimentos e os da Associação, comtudo, não teem cabimento, pois todos teem o dever de trabalhar para bem da sociedade e produzir alguma coisa de util. Elle, conferente, seguindo a carreira intellectual para a qual foi verdadeiramente seleccionado n'uma familia de trabalhadores, não póde emparedar-se n'um egoismo tal, que não communique áquelles que não teem tempo para estudar e que a outros misteres se dedicam, os fructos do seu estudo e os resultados dos seus pensamentos.

Dito isto, entra na exposição do seu thema.

*

A humanidade tem caminhado a passos de gigante na estrada do progresso. N'esse movimento, o seculo XIX apparece como nenhum outro, abrindo horisontes desconhecidos e os mais vastos para a civilisação. Proclamam-se os direitos do homem, a soberania dos povos, a liberdade de pensamento e emancipação religiosa; provam-se admiraveis descobertas scientificas, experimenta-se a sua aplicação na industria; realisa-se o grande desenvolvimento do machinismo, facilitam-se as communicações, internacionalisam-se os productos e as ideias.

No campo social avoluma-se a questão entre o capital e o trabalho e impõe-se esse problema que hoje a todos sobreleva, e de que tudo nos falla desde a discussão parlamentar á grève, desde o livro e o jornal á revolução e á dynamite.

O que é a questão social.—Suas causas

A questão social é a lucta entre o capital e o trabalho, entre os que trabalham e os que gozam, entre os que produzem e os que exploram essa producção, entre os que nada teem e os que tudo possuem, entre os pobres e os ricos, entre a mizeria horrivel e a dissipação criminosa.

Essa lucta é de todos os tempos em que tem havido senhores e escravos. Nos ultimos tempos tem tomado proporções assombrosas devido ás modernas ideias que teem libertado um pouco os movimentos do homem e que tem dado aos trabalhadores a consciencia da sua situação.

Mas porquê essa lucta n'um tempo em que se proclama a fraternidade, em que tudo é aperfeiçoamento, em que tudo se enche de luxo, em que se veem riquezas enormes, em que as cidades se tornam paraizos, em que tudo se vê disposto a gozar?

A fóme!

A introducção do machinismo parece que devia favorecer os que trabalham; foi o contrario. Poz milhares de braços na disponibilidade, acabou com a pequena industria que não pode competir com as grandes fabricas, tornou o operario um acessorio da machina, embrutecendo-o.

Monopolisando a producção na mão dos grandes capitalistas e das grandes companhias, pôz o operariado na sua dependencia absoluta e inevitavel.

Pela divisão do trabalho, colloca o operario n'uma situação tal que em momentos de crise elle não póde procurar trabalho fóra das fabricas em que foi educado desde creança e das machinas que serviu.

A producção tornou-se excessiva e assim se amiudam as crises de abundancia. As victimas principaes d'essas crises são os operarios, porque os capitalistas ficam com os *stocks*, emquanto elles ficam sem coisa nenhuma, sem dinheiro nem trabalho para se sustentarem a si e a suas familias.

Em occasião de crise de que ha de viver o operario? Do trabalho? Não lh'o dão. Do estado? Deita-o ao abandono, visto que ainda não ha leis de assistencia. Da caridade? Isso é uma ingenuidade ou uma impostura dos que nunca tiveram fóme nem soffreram privações.

De resto, o machinismo fez centralisar as fabricas e nos grandes centros a vida é carissima, pois ahi tudo se paga, até a agua. O operario não póde comer aquillo que devia para sua alimentação e nem só isso, passa fóme, com a mulher e os filhos. As habitações tem um preço exurbitante. O operario tem de viver em pocilgas onde não chega a luz e onde não chega o ar. Contudo os medicos, para se evitarem doenças como a tuberculose, recomendam boa alimentação e boa casa, bom ar e boa luz.

Até a hygiene escarnece o trabalhador!

Injustiça da situação.—Proletarios

Se todos nascem eguaes, havendo simplesmente distincções feitas pela natureza, na intelligencia, no organismo, no temperamento e nos caracteres, como se comprehendem as castas? como se podem admittir essas distincções desde o nascimento, cujo artificio estupido foi ao ponto de pelo nascimento se fazerem reis?

Já na edade media, numa grande revolta dos camponezes britannicos contra os *landlords*, os poetas perguntaram em seus cantos, se Deus ao formar o paraizo, tinha lá posto nobres, senhores e escravos.

Se o nascimento é egual e se todos teem direito á vida, todos tem o direito de gozar plenamente a civilisação.

E' por isso, é pelo reconhecimento d'um grande principio de, justiça que elle, conferente, quersem o menor receio, a integração do proletariado na vida moderna e por essa aspiração trabalha e lucta, sem exaltações dementes, mas sem arrependimentos de fraqueza e covardia.

Os proletarios estão já definidos; são os que nada possuem e que tudo podiam possuir visto que tudo aquillo de que a sociedade se sustenta lhes passa pelas mãos. São os que vivem do trabalho, os que nada teem além do corpo para trabalhar.

(Conclue no proximo n.º)

NOTAS DA CARTEIRA

Partiu para Lisboa, com pequena demora, o snr. major Adolpho Butler.

= Encontra-se n'esta cidade o nosso collega e amigo sr. Alberto Souto.

= Segue depois d'amanhã para Lisboa, onde embarca com destino a Benguella, o nosso patricio e amigo snr. Alvaro de Carvalho.

Desejamos-lhe feliz viagsm e muitas venturas.

DE RASTOS

E' possivel que hoje appareça aqui essa horda de meninos bonitos, derreados da espinha, a que chamam estudantes de Coimbra, e que se andam manifestando por conta alheia e de empreitada, onde quer que appareça D. Manoel.

Honrado e laborioso povo de Aveiro!—não te conspurques ao roçar pela batina d'esses moços, furadores da grève e que são hoje a vergonha da Universidade como ámanhã, talvez, os adeantadores dos cofres publicos.

Vaidades pelintras. Hypocrisias nojentas

Tambem aqui ha festas, tambem aqui vem o rei satisfazer as vaidades do monarchismo local.

Satisfazer os desejos do povo, não. Satisfazer só furias festeiras d'uns e anceios gastronomicos de muitos.

Porque o monarchismo de Aveiro parece que não tem mais em que pensar do que em musicas e banquetes.

O snr. ministro da marinha quando da sua viagem ao Norte, não tencionava vir a Aveiro. Pois os monarchistas de Aveiro quizeram á fina força que elle viesse para estudar as condicções da pesca e vêr as necessidades locaes.

Conseguiram-o e offereceram-lhe, sabem o quê?—um jantar e uma caldeirada.

Levaram-o á barra e á costa de S. Jacintho.

Aqui, leram-lhe uma representação dos industriaes da pesca, deram-lhe a caldeirada e depois trouxeram-o até á cidade pela ria.

Está muito bem, mas quizeram mostrar-lhe os botirões e outras armações de pesca sobre as quaes se tem debatido uma questão tão importante para os pobres pescadores? isso sim.

Foi preciso que os pescadores armassem os botirões e quasi obrigassem o ministro e comitiva a presencear o seu levantamento, a despeito dos monarchistas contrarios aos innocentes botirões, aos pescadores e a isso a que elles chamavam a maçada.

Caldeirada, muzica, banquete e rancho de tricanas—festaróla.

O snr. Jayme Silva queria vêr se arranjava uns contos de reis para pagar a divida dos asylos que tem dado agua pela barba á camara. De que se havia de lembrar? de fazer uma festa. A quem? ao seu maior inimigo, o snr. conde de Agueda. Estampou-lhe o nome n'uma avenêta, poz musicas na rua, apresentou-lhe um rancho de tricanas, poz luminaria puchada para o contribuinte na casa municipal e organisou um jantar!

Comeu-se e bebeu-se bem na sala das sessões da camara de Aveiro...

Mas não bastou. E' preciso mais festa e mais banquete. Se não ha pretexto, arranja-se, convida-se o rei para vir a Aveiro. A commissão prepara festas. Em que se pensa antes de tudo? No almoço e no jantar. Transforma-se o Lyceu n'uma cosinha! Nas aulas fogões e caçarolas.

E ahi vem o rei. Vêr em festa uma cidade que essa festa não póde fazer e que não foi capaz de a fazer. Vêr em festa a cidade de Aveiro, com dinheiro dos brazileiros d'Agueda, Angeja e Salreu.

Que vergonha, lealistas forêtas!

E quem faz as festas ao sr. D. Manuel? Muitos que hontem escreviam em jornaes monarchicos e diziam em plena praça publica coisas furibundas contra a monarchia e contra o sr. D. Carlos, pae do actual rei. Muitos que hontem increpavam os republicanos por não fazerem a revolução e que offereciam dinheiro para ella!

Quasi todos os que sem se arrojarem ao perigo da revolução, esfregavam as mãos de contentes ao sonharem com a republica.

Onde estão as convicções d'esses monarchicos? Onde a sua sinceridade? Oh! hypocritas!

E para cumulo, convidam para assistir ás festas, o Bispo de Coimbra, creatura odeiada por toda a cidade e que já foi corrida á pedra nas ruas de Aveiro, com grande gaudio de muitos tambem, que agora se hão-de curvar reverentes á sua passagem.

A hypocrisia, a nojenta hypocrisia!

Apezar de todos os artificios de que tem usado e abusado o snr. Albano e o snr. *Conde de Agua*, para fazerem o seu ninho, —o certo é que apenas tem construido sobre areias soltas, sem base, sem alicerce, construcções que vão a terra com estrondo ao mais leve impulso.

(Da *Vitalidade*).

FALLECIMENTOS

Finou-se na tarde da ultima terça-feira, o nosso estimado conterraneo Luthario Christo.

Foi prolongado o soffrimento do desditoso rapaz, e apezar de ser esperado para breve o triste desenlace, a noticia causou profunda magua em todos quantos conheciam aquelle bello rapaz.

Luthario Christo luctou rudemente com a adversidade, lá fóra, longe dos affagos e das consolações da familia.

Caracter de rija tempera, procurou tenazmente arrostar com a desventura, e foi talvez a essa dolorosa e extranha lucta que Luthario Christo succumbiu, deixando pela estrada pedaços da alma, e os restos que poude trazer, vincados pelo soffrimento, até esta sua querida terra, chegaram ainda para mitigar saudades, para sorrir com dolorosa melancolia aos rapazes do seu tempo, aos homens de varias condições sociaes, que o estimavam, que o queriam.

Pobre Luthario.

A toda a sua familia apresentamos o nosso sincero pezame.

+

Na segunda-feira falleceu subitamente a sr.ª D. Maria Rita do Valle Guimarães, mãe do sr. dr. José do Valle Guimarães, conservador do registo predial em Taboa, e avó do sr. dr. Cherubim do Valle Guimarães, advogado em Aveiro.

Ao sr. dr. José do Valle Guimarães e a seu filho o nosso cartão de sentimentos.

A' ultima hora

Consta que não será cumprida a resolução tomada na assembleia geral da Associação Commercial, na parte que diz respeito á distribuição pelos pobres da quantia de 140:000 reis.

Esse facto dará certamente de si, caso seja confirmado.